

O outro lado da avenida

OCTAVIO SOUZA*

Contardo me faz lembrar muitas coisas. Algumas são ideias que me acompanham há décadas. Outras, são pequenas cenas que ficaram na memória. Lembro de uma delas. Saímos certa vez de minha casa para fazer compras. Contardo, sem nenhuma hesitação, tomou um caminho e seguiu em frente. Eu sugeri que tomássemos outro. Sem levar em consideração que eu, por morar ali, devia conhecer melhor as redondezas, insistiu em sua escolha. Eu apenas o acompanhei, sem pensar muito sobre o assunto. No fim, ao término do tortuoso caminho que havíamos tomado, ele, rindo, teve de reconhecer que eu tinha razão. A cena me ficou gravada porque condensa algo muito próprio de Contardo: havia nele uma disponibilidade tão espontânea para avançar por trilhas inesperadas que acompanhá-lo parecia sempre a coisa mais natural do mundo.

Em uma crônica publicada na *Folha de S. Paulo* em maio de 2007, intitulada “Ajudar é difícil”, Contardo conta que numa madrugada chuvosa, estacionado diante da avenida Sapopemba, em São Paulo, vê um cachorro manco tentando atravessar a pista. O animal avança, recua assustado pelos faróis, quase morre atropelado, insiste novamente. Contardo permanece algum tempo observando aquela cena e se pergunta: o que haverá do outro lado da avenida, o que busca aquele cachorro que o leva a arriscar tão obstinadamente a travessia?

Ao fim, sai do carro debaixo da chuva, compra espetinhos de churrasco numa barraca próxima e tenta distrair o cachorro de seu projeto suicida. A

* Psicanalista, Membro efetivo do Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Pesquisador do Instituto Fernandes Figueira (IFF/FIOCRUZ).

cena sempre me pareceu profundamente contardiana. Primeiro pela solidariedade imediata com os desamparados, traço que todos conheciam tão bem nele e que reaparecia continuamente em suas crônicas: prostitutas em perigo a quem oferecia carona, longas conversas com pessoas em situação de rua, personagens estigmatizados por suas preferências eróticas, doentes terminais. Contardo dedicava uma atenção especial, física e espiritual, aos que se encontravam em risco. Não apenas a coragem de se aproximar deles e acompanhá-los, mas também a de sustentar o encontro e enfrentar o que quer que ele viesse a exigir.

Mas, no caso em questão, principalmente porque a pergunta que ele faz diante do cachorro – o que haverá do outro lado da avenida? – parece atravessar toda a sua vida, toda a sua obra.

Contardo sempre foi alguém movido pelo outro lado. O outro lado da rua, da língua, do país, da instituição, da fantasia, do laço social. Era alguém atraído pela distância. Outro dia, revendo uma entrevista sua, me chamou atenção quando dizia que a marca principal de suas escolhas amorosas sempre havia sido justamente a distância geográfica. Em todos os seus amores encontrou, entrelaçado, o fio da travessia, do deslocamento, daquilo que ainda não estava inteiramente ao alcance da mão, e que o convidava a se lançar para o desconhecido. Essa observação aparentemente lateral ilumina muito de sua maneira de viver.

Ele era alguém que partia. Partia porque sabia chegar. Gostava de ir embora porque encontrava um prazer especial na chegada. Chegava com curiosidade, inteligência, charme e uma disponibilidade rara para se deixar afetar pelo que encontrava. Sempre me impressionou a rapidez com que se ambientava, como se os lugares o esperassem havia muito tempo.

Conheci Contardo em 1977, na França, na Universidade de Paris-Vincennes, quando foi meu professor ao longo de três semestres. Depois, quando começou a vir para o Brasil e, subsequentemente, a se mudar para Porto Alegre, nos tornamos amigos. Em Vincennes, já chamava atenção pela clareza. Em meio a um ambiente intelectual por vezes marcado pela obscuridade, Contardo se destacava pela capacidade de conduzir seus ouvintes por passagens difíceis dos textos. Freud e Lacan apareciam então mais nítidos, mais precisos, mais vivos. Quando retornei ao Brasil, a publicação de *Hi-*

pótese sobre a fantasia reacendeu e aprofundou o interesse que eu já tinha por sua obra e por sua pessoa desde os tempos em que fora meu professor. A leitura desse livro foi para mim uma descoberta. Ela me permitiu compreender de modo muito mais amplo e minucioso as estruturas clínicas de Lacan, ao mostrar como as diferentes relações do sujeito com o saber do Outro se articulam às questões da castração e do gozo.

Para além do professor, havia ainda outra coisa. Desde aquela época, percebia-se nele uma qualidade pessoal difícil de definir. Ele se aproximava das pessoas sem esforço aparente. Deixava que se aproximassem. Em uma ocasião, por exemplo, ofereceu-se para ler e comentar meu projeto de doutorado, coisa praticamente impossível de acontecer com qualquer outra pessoa do quadro docente do departamento. Não se impunha pela distância. Sua autoridade não vinha da solenidade nem da criação de uma cena hierárquica em torno de si. Ele sabia muito, mas não parecia interessado em ocupar o lugar daquele que sabe. Talvez esse tenha sido um dos traços mais preciosos de Contardo: tinha uma posição de mestre, mas não fazia da mestria uma posição vertical.

Mais tarde, na APPOA, isso se tornou ainda mais claro. Contardo tinha um peso enorme para todos nós. O que ele dizia organizava leituras, deslocava posições, abria caminhos. No entanto, ele falava como quem oferece algo, não como quem exige adesão. Era como se dissesse: “Você pode pegar ou largar. Podemos continuar conversando de qualquer maneira”. Essa generosidade era inseparável de sua inteligência. Ele se desligava do que dizia. As ideias não eram propriedade sua. Eram lançadas ao campo comum para circular, produzir efeitos, serem transformadas.

Por isso a APPOA foi uma experiência tão singular. No movimento psicanalítico, e talvez ainda mais no universo lacaniano, as instituições costumavam nascer por exclusão, dissidência e cisão. Em Porto Alegre, com Contardo, aconteceu algo inusitado: as instituições se juntaram. Três das principais instituições gaúchas se fundiram para dar nascimento à APPOA. Isso diz muito sobre ele. Contardo não apenas transmitia conceitos. Tinha também uma capacidade pouco comum de aproximar pessoas, fazer circular interlocuções e lateralizar as relações, permitindo que as pessoas se conhecessem, se escutassem e se reconhecessem como interlocutoras. Quan-

tos amigos não fiz por sua mediação! Devo a Contardo, entre muitas outras coisas, a amizade com Jurandir Freire Costa, presença marcante na minha formação intelectual e pessoal.

Essa capacidade de produzir laços não era um traço secundário de sua personalidade. Tinha relação direta com sua maneira de ocupar um lugar de saber. Em tempos em que a psicanálise tantas vezes se organizava em torno da figura do mestre, Contardo parecia criar um espaço em que a transmissão não dependia da adesão. Havia admiração, diferença de saber e reconhecimento, mas também uma liberdade que impedia a captura. Essa disposição para sustentar a diferença sem transformá-la em hierarquia fazia parte de sua ética intelectual.

Outro ponto decisivo, para mim, foi sua relação com o Brasil. Quando começou a vir com frequência, e depois quando se instalou aqui, Contardo aprendeu a falar brasileiro com uma rapidez impressionante. E não apenas a língua: leu o país, interessou-se por seus impasses, por sua formação social, por suas fantasias, por suas formas de individualismo, por seus modos subjetivos de colonização.

Enquanto ele escrevia *Hello Brasil* e eu escrevia *Fantasia de Brasil*, nossa conversa se fazia por quilômetros de fax entre Porto Alegre e Rio de Janeiro. Falávamos de Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda, Roberto Schwarz, Antonio Candido, Louis Dumont. O Brasil era nosso objeto explícito, mas a conversa logo se estendia a temas que sempre nos interessaram: a fantasia, o laço social, os ideais, a colonização e seus efeitos subjetivos.

Contardo me ensinou muito sobre o Brasil. Nossas conversas sobre o país ocuparam durante anos um lugar importante em nossa amizade. Impressionavam-me a extensão de suas leituras, a familiaridade com nossa tradição intelectual e a seriedade com que procurava compreender a formação da sociedade brasileira. Sua condição de estrangeiro lhe permitia perceber aspectos da vida brasileira que eu próprio tendia a naturalizar. Interessava-se pelo país sem exotismo e sem complacência. Lia-o com a mesma atenção intelectual e a mesma sensibilidade aos modos de vida que dedicava às pessoas que encontrava pelo caminho.

Entre as muitas coisas que me ligam a ele, há também o projeto do Sexto Lobo. A iniciativa reuniu durante anos pessoas interessadas em pensar

as formas contemporâneas do laço social e deu origem a encontros e congressos em várias capitais do país. A expressão “Sexto Lobo” remetia a uma questão formulada por Contardo a partir da leitura do sonho do Homem dos Lobos e de sua interpretação por Freud. No sonho do Homem dos Lobos, há seis ou sete lobos, diz o sonhador em sua associação livre. No desenho, eles são cinco. Freud interpreta a cena, reduzindo-a à cena primária familiar de dois lobos. Contardo parecia interessado justamente naquilo que resistia a essa redução. Se eram muitos lobos, talvez fossem muitos mesmo.

Para Contardo, o sexto lobo designava justamente essa abertura para aquilo que excede a cena familiar. Era o social, o histórico, o político, o coletivo, tudo aquilo que insiste para além das coordenadas do drama individual.

Volto então à cena do cachorro manco. Mais do que o gesto de ajudá-lo, ficou para mim a pergunta que Contardo fazia ao observá-lo: o que haveria do outro lado da avenida?

Nos últimos anos, essa pergunta voltou em nossas conversas. Durante a pandemia, conversávamos por vídeo. Um dia lembrei a Contardo de um artigo sobre as primeiras travessias marítimas do *Homo sapiens* em direção à Austrália. O estudo procurava reconstruir a configuração geográfica daquela época e mostrava que, do ponto de partida dessas travessias, não seria possível discernir qualquer terra no horizonte. Os autores insistiam justamente nesse ponto: aquelas populações teriam entrado emjangadas primitivas e se lançado mar adentro sem qualquer garantia visual de chegada. A travessia só poderia ter sido resultado de um projeto coletivo capaz de apostar na existência de um outro lado que ninguém podia ver. Como alguém decide lançar-se ao mar quando nada no horizonte garante que exista um lugar de chegada?

Conversávamos sobre evolução da espécie humana, sobre errância e sobre as grandes migrações. Procurávamos respostas juntos, consultando o Google. Foi uma rara ocasião em que nossas ignorâncias ficaram quase equiparadas. Isso também era muito bom com Contardo: era possível pensar com ele não apenas a partir do que ele sabia, mas também a partir do que não sabia. Sua curiosidade sobrevivia ao saber.

A última vez que estive com ele pessoalmente foi no fim de fevereiro do ano de sua morte. Contardo já estava muito enfraquecido. Estava em casa,

cercado pelos seus mais próximos. Em algum momento, perguntou pelo livro em que estava aquele artigo sobre as travessias marítimas. Procuramos. Mais tarde encontrei o exemplar que eu lhe dera muitos anos antes. Lemos juntos a dedicatória, que mencionava o cachorro. Eu já não me lembrava bem da história. Ele lembrava.

Li para ele trechos do artigo. Conversamos um pouco. O tempo passava devagar. Ficava muitas vezes silencioso, mas tranquilo. Falava de histórias de sua família, de seus pais, de seu irmão, de um tio. Dizia que pensava muito nessas histórias, que às vezes elas não faziam sentido. Então acrescentou que queria ainda um pouco mais de tempo para ver se levavam a algum lugar.

Essa frase me ficou. Talvez toda a vida intelectual de Contardo tenha tido algo disso: dar tempo às histórias, às ideias, às associações. Não fechar cedo demais. Não reduzir cedo demais. Não decidir cedo demais que os muitos lobos eram apenas dois. Continuar seguindo a associação, o caminho, a travessia, a conversa.

Perguntei-lhe como se sentia. Disse que se sentia confortado, muito confortado. Ouvíamos, ao fundo, as vozes queridas que vinham da sala. Eu lhe disse que ouvir aquelas vozes devia ser muito bom. Ele sorriu: “Muito. Muito mesmo”. Mais tarde, disse que queria apenas um pouco mais de clareza de raciocínio para poder continuar ainda algum tempo.

No momento em que quase tudo já lhe escapava, o que ainda desejava era um pouco mais de clareza para continuar pensando. E um pouco mais de tempo para ver se as histórias levavam a algum lugar.

Depois lembrou de *Vecchio Scarpone*, uma canção que sua mãe lhe cantava quando era menino. Cantava com dificuldade, traduzindo a letra devagar, emocionado. A canção fala de um velho coturno reencontrado num sótão, de juventude, caminhadas, montanhas e de um amor distante. E termina com o desejo de que aquele velho coturno pudesse caminhar de novo.

O velho coturno, o cachorro manco, o sexto lobo, o menino que ouvia a mãe cantar, o professor de Vincennes, o estrangeiro que se tornou um leitor apaixonado do Brasil, o amigo que sempre me perguntava pelo meu cachorrinho Póli, o homem que queria um pouco mais de clareza e um pouco mais de tempo: todas essas figuras agora se entrelaçam quando penso em Contardo.

Talvez seja assim que uma pessoa permanece. Não como uma unidade fechada, mas como uma trama de cenas, frases, gestos, ideias e afetos. Con-tardo permanece, para mim, como alguém que nunca deixou de perguntar pelo outro lado. E que, mesmo quando já quase não podia caminhar, ainda queria seguir pensando para ver se as histórias levavam a algum lugar.

Junho de 2026

Octavio Souza

octaviosouza@gmail.com

Rio de Janeiro - RJ - Brasil